



REPENSANDO LAÇOS...

1. AS METAMORFOSES NO TEMPO, OS LAÇOS DA LÍNGUA...

Ana Paula Tavares

... O Que Quer
O Que Pode
Esta Língua?...

Caetano Veloso, *Língua*

O convívio da língua portuguesa com as diferentes línguas de origem bantu, universo lingüístico maioritário para Angola e uma parte de Moçambique, nos seus diferentes registos é muito antigo. O interesse pelo seu estudo e primeiras tentativas de fixação de regras remetem-nos para o século XVI e XVII.

A *Cartilha da Doutrina Crhistã en Lengoa do Congo*, publicada em data anterior a 1556,¹ regista o eco da presença missionária numa parte que hoje é território angolano e inaugura informação sobre a língua ao mesmo tempo que relatórios, mapas e sobretudo cartas deixaram para a história a visão particular sobre as sociedades africanas então conhecidas.

Um catecismo é considerado o primeiro livro impresso em língua Kimbundu.² Referimo-nos à obra do jesuíta Francisco Pacconio intitulada

*Gentio de Angola sufficientemente instruido nos misterios da nossa Santa Fe. Obra Posthuma composta pelo Pe. da Companhia de Jesus Francisco Pacconio. Reduzida a methodo mais breve e acomodada a capacidade dos sogeitos que se instruem pelo Pe. Antonio do Couto da mesma Companhia.*³ O catecismo transforma-se assim no primeiro lugar de encontro de questionário e resposta, ajustando-se, ou tentando ajustar-se, a uma realidade cultural outra.⁴

A lista, ainda que não muito longa, poderia ser acrescida de mais alguns exemplos e consideravelmente engrossada no século XIX, quando o poder colonial impõe o “conhecimento” antes da ocupação.

Do espanto, surpresa e curiosidade, surgidos do confronto de culturas, a língua foi o primeiro lugar de resolução ao mesmo tempo que abria espaços para o desvio e a transgressão que o universo lingüístico bantu “sofreu” com a familiarização com a língua portuguesa. Entre tradição e a modernidade que se ia construindo, uma dinâmica de mudança instituiu-se como fio condutor: as regras são as da sobrevivência, mais do que as da convivência, e o texto (os textos) impôs (impuseram) as normas das suas legítimas continuidades.

... Para narrar um conto, destaca-se um indivíduo que, em geral, fala em pé.

Pouco a pouco ele vai-se animando, modula a voz segundo os vários actores que intervêm na recitação, intercala interjeições, ora lamentosas, ora explosivamente admirativas. Gesticula não só com os braços mas, conforme as exigências da narrativa, com o corpo todo.

O auditório toma parte activa (...) Manifesta de onde a onde aprovação ou desaprovação. Reage entendidamente às partes sarcásticas. Pobre narrativa que, para poder ser escrita, tem que despir-se desta linda roupagem. E não falamos das mutilações a que fica sujeita pelos tradutores que, por mais competentes que possam ser, nunca poderão verter exactamente o sentido de dizeres pertencentes a idiomas de génio tão diferente”...(Carlos Estermann⁵)

Assim e de forma muito simples punha Carlos Estermann o confronto entre culturas da oralidade e as culturas da tradição escrita.

O recurso à história surge aqui como o lugar onde se instala o testemunho e onde, para lá da informação, se pode recolher a “carga de sentido” que os lugares saturados de tempo nos podem devolver.

O conceito de interpretação (Ricoeur) alarga-se ao fenómeno de apropriação e pede o uso de uma matriz cultural de espectro amplo que vai posteriormente permitir o tratamento da literatura como o que compensa e não o que conforma o funcionamento da linguagem (Foucault).

É à história que recorreremos para recuperar um tempo em que as línguas e as linguagens se misturaram para a nomeação das coisas e das gentes. O tempo da história surge assim como uma categoria gramatical sujeita a uma dupla manipulação: a original, própria dos contextos que a produzem, e uma outra que se completa segundo as múltiplas flexões e modulações de uma língua segunda que dela dá informação e a submete às regras fixas da escrita.

Note-se de passagem que a fixação das regras da língua portuguesa foi um longo processo que se iniciou e acompanhou temporalmente o processo das “descobertas”.⁶ Atravessando e convivendo com sociedades da oralidade, a língua portuguesa foi-se adaptando aos diferentes falares e ao mesmo tempo oferecendo corpo à classificação de outras linguagens, permitindo assim a “*proclamação aberta e pública da ocorrência da mudança*” (Jack Goody).⁷ A circunstância particular das viagens e dos seus agentes, recrutados em diferentes pontos da Europa e fazendo trânsito entre Angola e o Brasil, pode dar notícia desses primeiros enlaces, uma escrita a tomar posse dos territórios de conhecimento que hoje são pertença do património da memória de distintas sociedades.⁸

Missionários de passagem entre a Europa, a África e o Brasil seriam assim os difusores e receptores de uma linguagem e de determinados modelos culturais lentamente integrados no quotidiano de sociedades perturbadas pela dimensão atlântica do comércio e pelas regras do tráfico de escravos. Ainda por fazer está a avaliação concreta do peso destas trocas na verdadeira evolução das sociedades em contacto.

A relação com o Brasil é mal conhecida, a componente africana (sobretudo angolana) na história do Brasil só agora conhece as fronteiras da sua verdadeira dimensão. Trabalhos como o de Luiz Felipe Alencastro, *O Trato dos Videntes, Formação do Brasil no Atlântico Sul*, começam a repor a verdade sobre “*Angola (...) de cujo triste sangue de negras e infelizes almas se nutre, anima, sustenta, serve e conserva o Brasil,*” como disse o padre António Vieira.⁹

Resta referir que tal como na história o texto brasileiro sobre Angola antecede muitas vezes uma tipologia dos discursos sobre a terra que vai organizar-se no século XIX, sobretudo nos jornais, lugar onde a tradição situa o nascimento da literatura angolana, atribuindo-lhe mesmo uma data e um local.¹⁰

A literatura é um processo posterior e a instituição da linguagem como lugar de encantamento é um fenómeno que só ocorre no século XX, para ganhar os caminhos da recuperação dos contextos sociais e escrever a perspectiva da utopia. Só com Luandino podemos surpreender “a escrita sobrecarregada com os signos espetaculares da sua fabricação” para roubar a Barthes a definição para um fenómeno de apropriação de um mundo, com a linguagem como tema que acrescenta significados ao contar da história. Tributário, ou reclamando-se como tal, de vários movimentos de busca das “*marcas culturais angolanas*” (como achou com felicidade Rita Chaves¹¹) e que remontam ao século XIX, Luandino restabelece uma cartografia do passado rigorosamente inscrita nas fundações de um presente em absoluta mudança.

Títulos como *Nós, os do Makulusu*; *João Vêncio, os seus Amores*; e sobretudo *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*, traçam as regras da mais absoluta modernidade pela amplitude dos campos literários semânticos e de compromisso com a literatura que convocam. David Mestre considera “ (...) *pela sua natureza labiríntica e inovadora, a parte mais recente da obra de Luandino a mais interessante (...)*” e a que “ *faz a diferença no conjunto de um sistema literário emergente, pela amplitude e vitalidade semânticas*”.¹² O escritor percorre um caminho deixando que a linguagem – a língua – recupere o quotidiano de complexas sociedades que ele conhece e se prepara de forma a poder tratá-las, deixando que as lógicas da sua “decomposição” acompanhem o “*sussumoer*” da verbalização. A primeira escrita do autor delinea a complexidade que se vai adensar em toda a obra posterior.

Os primeiros contos organizam-se em torno de viagens à infância e a todos os lugares da infância como lugares amenos entretanto sacrificados na ara implacável do desenvolvimento urbano. Assiste e recupera a transformação de Luanda, que não pode envelhecer como “uma mais velha”, tranqüila nos seus panos, na curva da baía, mas que aparece todos os dias transfigurada. A força e os jogos de oposição como princípios estruturadores do texto, já visíveis nos primeiros trabalhos, são depois perseguidos até ao osso em *Nós, os do Makulusu* e particularmente recuperados em *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*. Os trabalhos do escritor actualizam documentos mais antigos (é conhecida a sua constante afirmação de ser um continuador de António de Oliveira Cadornega, o autor da *História Geral das Guerras Angolanas*, escrita no século XVII), o “*inventor da Nação angolana*” (Luandino, *SIC*)¹³, acrescentando-lhes sentidos, conferindo-lhes novas dimensões.

A escolha pertence-lhe e vai no sentido da reconfirmação de um universo de referência nas inúmeras narrativas que se aninham dentro

da narrativa, num jogo combinatório (Todorov) que tematiza a língua, recupera a história e estabelece o *proprium* e o *continuum* da literatura angolana.

Com o conhecimento e a invenção da língua, Luandino realiza “o gozo supremo da transgressão” para citar Teresa Cristina Cerdeira¹⁴ que recupera Barthes, a propósito de um dos trabalhos de Guimarães Rosa, para chamar à Literatura essa “trapaça salutar”, “esquiva”, “logro magnífico”, “língua fora do poder.”

A consciência de um terceiro registo, que muitos investigadores reduziram ao “falar de Luanda,” o que não é verdadeiro nem sequer para *Luuanda*,¹⁵ é antes de mais a consciência de que a literatura é lugar de criação onde “todas as palavras, lata, pedra, sapo, nuvem, podem ser matéria de poesia” que existe para além do ser da palavra bruta, “em estado de dicionário,” como disse o poeta Manoel de Barros.¹⁶

Os textos de Luandino deixam passar um entrelaçamento de línguas e linguagens (Julia Kristeva) que mostram a cidade como o lugar de desembarque, o cais de chegada das línguas do mar (português, latim, italiano, holandês, francês, conforme os piratas) e das línguas do interior africano, quando as “mais desvairadas gentes largavam seus espaços de fundação, suas remotas origens, na demanda de Kalunga,”¹⁷ pois: “A consciência histórica implica o reconhecimento da alteridade do passado e do presente, quaisquer que sejam o fundamento e a natureza dessa mesma alteridade”¹⁸ e o que se enrola nas “areias babilônicas do musseque” são as várias possibilidades de trabalhar as línguas e os patrimónios culturais que representam.

—A perdiz é um pássaro muito afinado!... Primeira lição: eu aprendo que a cultura não é o que eu estudo nos livros, ou não é só ou não é nada.

Pois se tu analfabeto de um primeiro grau a quem corrijo redacções e contas, usas um adjectivo que só uma cultura bem assimilada pode gerar!?

Pássaro bonito, esperto, solerte pássaro, diria eu e o dicionário. Afinado — de música, de peça, de torno ou fresadora, só tu. E isso é o que a perdiz é : exacta no voo, sem milímetro de folga, afinada nos todos sentidos¹⁹

Aqui o reconhecimento de que o ofício de escritor se faz pelo reconhecimento das múltiplas dimensões da palavra, pela demarcação, pelo texto, de territórios ainda por frequentar, como também podemos surpreender em Manoel de Barros.

Veio me dizer que eu desestruturo a linguagem. Eu desestruturo a linguagem?

Vejamos: eu estou bem sentado num lugar. Vem uma palavra e tira o lugar debaixo de mim. Tira o lugar em que eu estava sentado.

Eu não fazia nada para que a palavra me desalojasse daquele lugar. E eu nem atrapalhava a passagem de ninguém. Ao retirar debaixo de mim o lugar eu desaprumei. Ali só havia um grilo com a sua flauta de couro. O grilo feridava o silêncio...²⁰

Tempos diferentes e autores diferentes nos trazem aqui esses actos de grande liberdade da descoberta de uma gramática habitada pelo ruído incessante do “*prazer da língua*” (Barthes). O exercício do ofício de escritor passa pelo esgrimir com a palavra o gosto de “*rearrumar a cartilha*” e “*reaprender a errar*” (Manoel de Barros).

Uma “estória” fecha o espantoso tríptico que *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*, obra de Luandino escrita no campo de concentração do Tarrafal entre 8 e 15 de maio de 1972, a “Estória de família”, uma estória que nos dá conta de um momento “*eis senão quando*”, onde a língua rasga os seus limites para instituir as suas mais legítimas fronteiras de acto literário. Conta-se a si mesma e resgata o acto de contar, nomeando a história da literatura angolana e os momentos da sua própria fundação. Luandino resolve nesta estória a tensão entre *mimesis* e *poesis*, apresentando o mesmo e a sua própria negação.²¹

Tudo se passa em torno de um almoço de sábado *da era do senhor dos exércitos, das crianças e dos loucos*,²² celebração da vida, sob o olhar atento de “*Nga Tonha dia Kaj’vintém —perdão!: senhora-dona Antónia de Sousa*.”²³ A unidade é, aparentemente, assegurada pela presença de alguém que representa, neste espaço do palco, a garantia da memória e ao mesmo tempo a sua dessacralização “*fumando o seu cachimbo de barro à sombra da mandioqueira do passado*.”²⁴

A mesa, centro de um poder, regula um espaço privado, o quintal, que as palavras atraíam descobrindo as estórias de família há tanto tempo guardadas em secretos armários. A literatura, que entretanto se celebra, é revisitada e revistada, no meio daquele “*vale de risos*”²⁵ onde sopram as torrentes da eloquência:

“Irmãos... — ao terceiro cantar do galo flui o maná:

Antojos vossos, de primeiro, os próceros respeitos por vossa condição na escala civilizacional obrigam a não dispicienda

*ainda que breve, lucubração sobre este tão oracular sucesso
congraçante de comunidades aglutinadoras de raças...”*

*“Escolho péfido cujo é conto de melíferas sereias
naufragadoras de tanta boa vontade...”*

“Fruta fina... língua de Cícero”²⁶

A presença de brasileiros, ao almoço, serve ao jogo da história e celebra esses *“irmãos que escrevem seus quimbundos sem câpas”²⁷* e que habitaram a história literária angolana, como os angolanos habitaram e construíram a história do Brasil. Velho e Novo são convocados a depor nesta estória de família:

*“[...] Tomás-Bem! A poesia, jovem, não se explica. É um fogo
que nos abrasa, um ar que nos dá. Mas enfim... Conhece o Assis?*

Paulo – Qual Assis? O das musicadas?

*Tomás – Quais musicadas! O dicionário do Assis. Não? Incrí-
vel! Pois, jovem, conselho numar um: compre o Assis.*

*Numar dois: Leia e medite esse dicionário. E talvez lhe pareça
profético, mas a verdade é esta : sem o Assis não haverá poesia
angolana!²⁸*

Com este trabalho Luandino responde não só às questões que a construção da língua literária impõe, mas acima de tudo explica as razões que levaram os escritores angolanos, em entrevistas concedidas a Michel Laban, a reconhecer que existe para esta literatura um antes e depois cuja fronteira passa sobre a resposta dada por Luandino à questão que serve de epígrafe a este trabalho:

*O que quer
o que pode
esta língua?*

e à qual Manoel de Barros acrescenta:

*“Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos são
infinitos” — falou Barthes.*

*Então o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma.
Se for para tirar gosto poético, vai bem perverter a linguagem...
Temos que molecar o idioma para que ele não morra de clichês.
Subverter a sintaxe até a castidade: isto quer dizer até obter um
texto casto... O nosso paladar de ler anda com tédio.*

É preciso propor novos ENLACES para as palavras.²⁹

2. OS LAÇOS DA LÍNGUA, AS METAMORFOSES NO TEMPO...

Carmen Lucia Tindó Secco

Há alguns anos, em entrevista ao *Jornal de Letras*, Eduardo Lourenço afirmou ser a língua portuguesa “uma utopia necessária, uma herança sem preço, fiadora de laços identitários.”³⁰ Jorge de Lima, entretanto, no poema “Noções de Lingüística”, pensa de outro modo, declarando: “As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem/ esquecidas noutras, morrem todos os dias/ na gaguez daqueles que as herdaram.”³¹

Partindo desses diferentes pontos de vista, teceremos reflexões para explicitar uma terceira visão, a nossa, que releva a herança da língua, mas que a sabe transformada, pois, no decorrer dos tempos, muitos dos elos identitários se desfizeram e se refizeram em heterogêneas combinações. Estamos cientes de quanta diversidade esse idioma adquiriu, ao travar contato com outras línguas e culturas ao longo da história. Levado à África e ao Brasil como língua de colonização, o português deixou marcas profundas; mas também sofreu metamorfoses em decorrência das diferenças lingüísticas, culturais e sociais entre os povos. A língua portuguesa, portanto, não mais se apresenta como patrimônio comum, uma vez ter assumido peculiaridades próprias dos lugares onde se instalou. Essa consciência é clara em vários escritores contemporâneos, tanto do Brasil, como de África, que têm como matéria vertente o idioma português. Ana Paula Tavares, por exemplo, na crônica intitulada “Língua Materna”, demonstra grande lucidez a esse respeito:

*(...) a língua mãe cresce conosco e ao mesmo tempo inaugura e aprende a distinguir os cheiros fortes da terra ou o sabor do pão de batata-doce, que como ela também leveda e tem que ser cuidado sob risco de passar do ponto e abater... Como as pessoas, a língua alarga-se à convivência com as outras, oferecendo-se mesmo ao acto de incorporar no seu próprio corpo outras sonoridades, outros empréstimos.*³²

A autora reflete sobre as transformações do português em convívio com as línguas angolanas e vice-versa, confessando a sedução exercida sobre ela pelas enriquecedoras trocas ocorridas no decorrer dos processos lingüísticos:

Sempre observei com gosto a alquimia generosa da língua portuguesa engrossando ao canto umbundo, sorrindo com o

humor quimbundo ou incorporando as palavras de azedar o leite, próprias da língua nyaneka. O contrário também é válido e funciona para todo o universo das línguas bantu e não só faladas nos territórios, onde hoje se fala também a língua portuguesa.³³

Também no Brasil, a língua portuguesa passou por modificações e ganhou características próprias. Em grande parte das obras de Nélida Piñon, a autora busca

*surpreender a língua de seu país em estado rigorosamente desprevenido. Isto é, de alguma forma colher certa expressão mágica com a qual, no entanto, conseguisse viajar pelas frestas e arqueologia das palavras. E, por meio deste trânsito poético e misterioso, alcançar o exato momento de fundação do Brasil. Isto é, os primeiros anos em que a língua portuguesa, aqui trazida pelas naus, instalou-se no litoral baiano e começou a arfar e a falar. Já não mais estando no Tejo. Mas em Porto Seguro e na Bahia de Todos os Santos.*³⁴

A escritura de Nélida Piñon assume a contramão da língua e da História, buscando sempre uma maneira surpreendente e original de pensar e reescrever o Brasil. Há na ficção da autora uma obsessão pelas origens e trajetória da língua portuguesa:

*Sem dúvida esta língua portuguesa está ao nosso serviço. Jovem e africana como nós, brasileiros. Plangente, de índole excessiva, sempre exigindo que nos excedamos para só assim alcançarmos os seus reais sentimentos. E, porque é jovem, e está sempre a explicar-se, arranca ela, de onde for, o pensamento que a represente e explique. Esta nossa língua, antes ancorada no Tejo, começou a rejuvenescer ou, quem sabe, a nascer, justamente quando os primeiros navegantes deixaram a Europa, ainda com a língua lusa debaixo das axilas, lambuzada de suor, de rigor gramatical. Mal navegaram o Atlântico, o gosto da aventura foi-lhes afetando os substratos lingüísticos. A terra a que vinham em busca de-lhes, em seguida, novo sentido à língua, cobrou-lhes outra sintaxe, ia-lhes descascando as palavras envelhecidas em prol das que vinham nascendo.*³⁵

A escritora mostra que, no Brasil, a língua portuguesa foi enriquecida pelo contato com as línguas indígenas e africanas, ganhando ritmos e saberes outros:

Falavam outra língua de acento oposto àquele ouvido antes, à margem do Tejo. Uma língua salgada, com ritmos retumbantes. Havia que mexer com os quadris e os olhos para bem a falar.

E, graças a esse aspecto viçoso e colorido, dizia-se a palavra bunda sem rubores em quem a pronunciasse. Devendo-se essa naturalidade à presença africana no país.³⁶

Nélida denuncia como a colonização portuguesa impôs seu idioma, dizimando as populações autóctones, descaracterizando suas culturas e silenciando as línguas indígenas como, por exemplo, o tupi, entre tantas outras. Responsabiliza os colonizadores e os regimes autoritários brasileiros pelo degredo da imaginação e pela perda da identidade. Critica, principalmente na época do Brasil-Império, a educação clássica dos colégios, nos quais o ensino da língua, preso aos paradigmas da norma culta do português de Portugal, não permitia que os alunos tivessem paixão pelo idioma, acabando, desse modo, por interditar-lhes a fantasia. Como escritora, alerta para a importância da conquista da língua, libertando-a das interdições impostas:

A conquista dessa língua me é penosa. Trava-me a língua, quando a falo. Ela é tirânica e traiçoeira, e não basta conhecê-la. Sobretudo devo vencer aqueles sentimentos disciplinares e canônicos de que ela se reveste. Esta língua lusa, como todas as outras, organizou-se de forma a impedir que o povo a tome a si e rompa-lhe os grilhões. Os senhores da língua sempre temeram que o povo convivesse com aquela camada subjacente da língua, capaz de conduzi-lo à apostasia do imaginário. À liberdade.³⁷

Essa apostasia da liberdade é ao que visa sempre a literatura, “trapaça salutar”, que, segundo Roland Barthes,³⁸ consegue pôr “a língua fora do poder.” Ana Paula Tavares, na crônica já mencionada, aponta também para essa fratura entre a língua da escola e a da criação poética:

(...) a língua materna vai conosco à escola e aprende a domesticar-se e a fingir. Assimilada, calçada e de bata branca durante certas horas do dia, solta-se selvagem e descalça na hora do pontapé, do futebol e da pancada. Pode lá disparatar-se sem ser em língua materna?

*Enfim, a língua é uma espécie de segunda pele, impressão digital, única, pessoal, mas transmissível, contagiosa poderia mesmo dizer-se.*³⁹

Enquanto segunda pele, a linguagem literária “se cola à do real, não para capitular diante deste,” mas, como ensina Habermas,⁴⁰ “para dissolvê-lo por dentro.” A voz enunciativa das crônicas de Paula Tavares se comove e se indigna com as dores da guerra que não poupam nem as crianças de Angola:

E, no caso das nossas terras, a tragédia é tanta e tão variada e tão freqüente, que cada problema se cola à nossa pele: amigos que já não vamos rever, lugares da infância preenchidos de bombas, cidades que se esconderam (recuso-me a aceitar que desapareceram) como uma ferida de estimação a aguardar um tempo para ser tratada. Porque isto das dores e dos tempos também tem as suas hierarquias, ângulos, perspectivas.

*Assim se acumulam notícias e cresce o espanto que a língua tem dessas armadilhas: amortece a queda, cuida dos viventes, ensinando a conviver com a notícia deste danado tempo dos anos da peste.*⁴¹

O desvelar discursivo da catástrofe suscita elos humanos universais de solidariedade, ao mesmo tempo que evidencia diferenças e desigualdades enormes entre países e sociedades. A leitura estética dos sofrimentos feita pelas crônicas de *Sangue da Buganvília* desperta, desse modo, um compromisso ético com a história e com as palavras, alcançando “dizer o indizível” de forma a emocionar os leitores e a libertar-lhes a imaginação:

*“À força de voz e no meio da língua, fundamos o nosso lugar no mundo e inventamos a utopia quando a terra gela a frio intenso.”*⁴²

Mesmo em tempos de crise e desencanto, os textos de Paula Tavares conseguem reinventar os sonhos, fazendo do uso consciente e criativo da língua uma utopia não apenas possível, mas – como alertou Eduardo Lourenço na entrevista citada no início deste artigo – necessária.

Há na perspectiva da autora uma concepção não romântica de utopia, ou seja, sua escrita não busca messiânicos lugares fora da história, dos mapas e dos homens. Sua palavra é um “pacto com o tempo. Mesmo

que seja um tempo fissurado entre realidade e sonho." É ainda um pacto com os gostos da terra: com o *funge*, com as frutas.⁴³ É também *palavra de afeto oferecida quente às crianças*. Mas é, sobretudo, *palavra-grito*,⁴⁴ lâmina cortante e condensada, a penetrar a carne dos vocábulos e a da realidade presente, não deixando de mergulhar fundo nas tradições do passado, como também no *lago branco*⁴⁵ de sua escrita, onde inscreveu *seu primeiro sangue*, metáfora da plena maturidade engendrada com a delicadeza feminina própria da luz do luar. Há, tanto na poesia, como nas crônicas de Paula Tavares, a consciência da necessidade de maturação dos ciclos da vida, da sensualidade vital que, em *ritos de passagem*,⁴⁶ pinta com "*a tacula o corpo aceso*," impulsionando desejos, sentimentos, vontades e impedindo o imobilismo cultural. Há, portanto, nos textos de Paula Tavares, uma compreensão profunda dos processos sociais, históricos, culturais, lingüísticos e literários que a envolvem e ao seu país. Na crônica intitulada "*Países Africanos, Língua Portuguesa, Passado, Presente e Futuro*," assinala as diferenças entre as culturas e o uso das línguas (a portuguesa e as africanas), enfatizando os enriquecimentos e empobrecimentos sofridos nas trocas e contaminações ocorridas através da história:

Uma comunidade se faz de partes. Todas diferentes, mesmo se as respectivas histórias estão cruzadas desde alguns séculos.

*O conhecimento e o respeito pela diferença tem que passar pelo conhecimento da história, com a sua vertente cultural devidamente sublinhada. As questões culturais, expressas em muitas línguas, podem ser a chave para um entendimento do passado que nos ajude a tomar decisões no presente.*⁴⁷

Seguindo os ensinamentos dos mais velhos guardiães de histórias de seu país, a escritura de Paula realiza a alquimia da língua, transformando o corpo das palavras em vozes e gestos transmissores dos costumes de sua terra, a Huíla, região pastoril ao sul de Angola. Aí, ela busca força e origem e descobre "*as fronteiras móveis da oralidade, a contagem interminável das contas do colar da vida, nas suas voltas e mais voltas ao redor do fio*."⁴⁸

"Os contadores de história do meu país sabem como usar as suas línguas maternas para realizarem as tarefas de Deus, a transmutação do corpo em voz e, uma vez voz, repetir o murmúrio da tradição que assim se fortalece e se transforma em pedra de tanto durar. Os poetas também sabem desses ofícios:

O David Mestre ainda era miúdo e já dizia: " (...) Mover a voz para / fora. Subverter-lhe a derme/ inquieta no sopro." MESTRE, David. *Do Canto à Idade*, p. 19)⁴⁹

Esse constante subverter referido por David Mestre se encontra, também, na poética de Paula Tavares sempre pronta "a saltar o cercado" das convenções. Está presente, ainda, muitas vezes, no falar coloquial dos povos que herdaram a língua portuguesa na África, no Brasil. E, nas propostas de muitos escritores brasileiros e africanos, é nitidamente intencional e consciente essa *praxis* subversora. Em Angola, Luandino Vieira, Boaventura Cardoso são mestres da quimbundização do português, recriando-o em africanas formas.

No romance *Maio, Mês de Maria*, de Boaventura Cardoso,⁵¹ por exemplo, o sagrado católico e o animismo africano se unem num forte sincretismo religioso, em que o culto à Maria se mescla às oferendas aos deuses das tradicionais religiões angolanas, ou ainda à exorcização de Satanás, instado a sair do Templo, como costuma acontecer nos rituais da Igreja Universal, cujos adeptos vêm crescendo, ultimamente, na maioria dos países da África e da América Latina.

A enunciação romanesca, em *Maio, Mês de Maria*, optando por uma pluritonalidade discursiva e por uma fusão do sublime e do grotesco, do profano e do sacro, do sério e do cômico, do letrado e do popular, efetua uma *carnevalização*.⁵⁰ Mas esta ocorre também no plano da linguagem, rica em neologismos ("obitava", "pazcalmoso", "vaidosava", "contiguava", "serenento", "dolentoso", "insoniaram", etc.) e em transgressões à norma do português ensinado pelo colonizador. A polifonia estilística adotada segue a entonação do português falado em Luanda e no interior, como também o ritmo das diferentes falas existentes em Angola, onde o plurilingüismo é uma das marcas multiculturais presentes na sociedade.

Também satirizando o discurso religioso que veicula um dualismo aprisionador do humano, João Vêncio, personagem de um dos romances de Luandino Vieira, questiona a existência de Deus e se indaga sobre as várias designações com que as religiões católica e africanas nomeiam a divindade suprema:

O senhoro é que informa, aceito. Mas duvido.(...) Mu Kimbundu(...) Muadié veja: se a gente percebe tudo, onde está Deus, Ngana Nzambi Tata? – Se Deus existe? ⁵²

“*Kimbundizando*” a língua portuguesa, a escrita de Luandino assume-se “verbalmente mestiça,” como já assinalaram tantos críticos de sua obra. Carnavaliza a linguagem jurídica e a católica, recriando as estruturas orais do *Kimbundu*, os termos chulos, as gírias e o calão expurgados pela moralidade inculcada pela colonização.

Em Moçambique, também a literatura de Mia Couto⁵³ recupera as tradições de seu povo e reinventa a língua em *brincadeiras* semânticas, sintáticas, capazes de devolverem ao humano o gosto das palavras e o prazer dos sonhos que os muitos anos de guerra adormeceram em seu país. Seu discurso tece uma rede intertextual e simbólica com os mitos e as crenças do povo moçambicano. Trabalha metaforicamente a linguagem e reinventa a língua portuguesa com saberes e ritmos locais, efetuando construções morfossintáticas e semânticas inusitadas, que visam ao resgate dos sentidos poéticos da vida, escamoteados pelos sofrimentos. Os processos de revitalização da linguagem empregados pelo escritor moçambicano se assemelham aos usados pelo escritor brasileiro Guimarães Rosa e aos empregados por Luandino Vieira. Os mais freqüentes são os neologismos formados por afixação e aglutinação. Do primeiro tipo, citamos vários exemplos: “*imovente*”, “*irresultava*”, “*sofrências*”, “*amanhãzinha*”, entre outros; do segundo, lembramos a palavra “*cabisbaixeza*”, resultado da fusão dos vocábulos “*cabisbaixo*” e “*tristeza*”. São comuns também os neologismos de função, nos quais há a mudança da classe usual da palavra, conforme ocorre, por exemplo, em “*titiar*” e “*lagrimava*”, verbos, respectivamente, derivados dos substantivos “*titia*” e “*lágrima*”. Através desses recursos e da recriação de lendas, provérbios e tradições, a ficção de Mia Couto apreende mitopoeticamente o real, ensinando outras sensibilidades e novas maneiras de pensar não só Moçambique, mas também o caráter universal do ser humano em sua dimensão existencial.

O poeta moçambicano José Craveirinha é outra voz transgressora que, explicitamente, assumiu, em muitos de seus versos, a posição clandestina de poder estar sempre a sublevar o tecido lingüístico de sua poesia: “*Foi assim que eu/ subversivamente/ clandestinizei o governo/ ultramarino português.*”⁵⁴

Além dos autores citados, vários outros poetas e escritores de África e Brasil também refletiram sobre a língua portuguesa, recriando-a e acentuando as distâncias desta em relação ao português de Portugal: Uanhenga Xitu, Arnaldo Santos, Ruy Duarte de Carvalho, Manuel Rui Monteiro, José Luís Mendonça, Virgílio de Lemos, Luís Carlos Patraquim, Eduardo White, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Clarice

Lispector e muitos mais. Há, na maioria dessas obras, um jogo erótico que visa perverter o idioma português, tornando-o conquista e posse de cada um que o fala e escreve.

*Mas qual o poeta que não tem,
incestuosa
uma relação com a língua
qual a língua que não devora
o poeta?*⁵⁵

Também Caetano Veloso, como Virgílio de Lemos, aponta para esse caráter incestuoso que perpassa as relações eróticas existentes entre poesia e língua:

*Gosto de sentir minha língua roçar
A língua de Luís de Camões. (...)
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias.*⁵⁶

Caetano declara sua consciente tomada de posição paródica e irreverente em relação à língua portuguesa que foi, durante séculos, decantada como “a última flor do Lácio, inculta e bela.” Postura semelhante é a de Luandino Vieira, quando opta por quimbundizar o português, carnavalizando a influência do Latim: “(...) o que mais gosto em missa de católico é isso mesmo: os putos latins caçando os demônios(...)”⁵⁷

Mas, nem todos os escritores optaram por esse caminho da paródia. O próprio Luandino Vieira, muitas vezes, se valeu de um lirismo intenso, procurando alcançar, por intermédio da ludicidade da língua recriada – como ele próprio diz em *João Vêncio: os seus amores* –, “as belezices estéticas.”

Em Angola e Moçambique, muitos são os escritores e poetas que reinventam as tradições para que a memória sobreviva às guerras. O moçambicano Luís Carlos Patraquim, por exemplo, nos seguintes versos, busca captar o fluir da palavra ancestral, onde se encontram as matrizes da sua poesia:

*Quando a palavra surge, inteira, das águas
E os espíritos batem a respiração do batuque,
Ele tacteia os nomes nas abóbodas de sangue.*⁵⁸

Ana Paula Tavares “re-encena” estórias e mitos do imaginário cultural dos povos pastores de sua região natal, ao sul de Angola. Seu discurso, tanto

nos poemas, como nas crônicas, se converte na “descoberta de magias antigas”, na “saúde das palavras”, “na busca incessante do prazer da língua”. Com clareza e domínio de uma reflexão teórica acerca da história de seu país e da língua que utiliza em sua criação literária, a autora faz de sua escrita um permanente exercício de resistência cultural e luta pela liberdade:

O quotidiano tem servido de pretexto, umas vezes melhor do que outras, para, através de uma caracterização do próprio absurdo, chegar perto da alma de quem vive um pós-guerra saturado do pólen esquisito de cadáveres e memórias do nosso descontentamento. (...)

Talvez fosse uma antevisão destes tempos de cólera [a antevisão possível] a que Barthes teve, com a sua capacidade [que encontrei freqüentes vezes entre os mais velhos Cokwe e Lunda] para escutar o rumor da língua, quando nos propôs a sua fundamental gramática africana, que uma vez liberta da ganga do tempo que a enforma, ainda pode servir para analisar esta particularidade do uso da linguagem (....) Tudo se conjuga num concentrado contar da vida claramente identificado com uma aposta na construção de um mundo diferente.⁵⁹

Proposta semelhante apresentam vários outros escritores brasileiros e africanos, entre os quais Luandino Vieira, Manuel Rui, Manuel de Barros, Guimarães Rosa, para citar apenas alguns, que conseguem apreender não só os “rumores da língua”, mas também “o grão da voz”, “semente feita sonho a engravidar o tempo” – como diria Mía Couto –, fazendo do texto, conforme ensina Ruy Duarte de Carvalho, “o próprio esforço de existir.”⁶⁰

Concluindo nossa reflexão sobre os “enlaces e desenlaces” que a língua portuguesa sofreu no seu percurso histórico e literário em África e no Brasil, constatamos que ela não é mais una, tendo-se diversificado no Português do Brasil, no Português de Angola, no Português de Moçambique, no Português de Cabo Verde, no Português de São Tomé e Príncipe, no Português da Guiné-Bissau. Os laços identitários com a “pátria colonizadora” se esgarçaram. Alguns elos permaneceram, ainda que dispersos; outros se desmancharam no tempo. A língua portuguesa, tendo atravessado o Atlântico, o Índico, chegou a diferentes terras, recebeu novos saberes, novas musicalidades, novos acentos; multiplicou-se, grávida, de outros espermas, suores e salivas.

Nos dias atuais, após o esfacelamento das utopias nacionalistas, não há mais espaço para se conceber a pátria como um valor absoluto. As fronteiras se alargaram e os limites se tornaram fluidos. Não cabe mais pensar a língua como traço monolítico de identidade nacional, tendo em

vista as heterogeneidades culturais dos diversos países que foram colônias de Portugal. O português, ao chegar ao Brasil e à África, se metamorfoseou pelos diferentes contatos: se mestiçou. Adquiriu múltiplas faces, ganhando novos contornos em cada um dos países irmãos, cujos patrimônios lingüísticos já não mais são os mesmos, embora entre eles se guardem alguns laços fraternos. E, por compartilharmos com Caetano Veloso a opinião de que a língua portuguesa é, no contemporâneo contexto multicultural, apátrida, encerramos nossa reflexão com um trecho de uma de suas composições musicais:

*A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria:
Tenho mátria.
Eu quero frátria.*⁶¹

Notas

¹ Cf. BÁSIO, António. *Monumenta Missionária Africana*. 1ª série. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953, p. 391 e 393

² Língua, área cultural e espaço portadores de grande ambigüidade. Ver sobre este assunto CARVALHO, Ruy Duarte de. "Para a definição de uma área sociocultural Ambundu (1991)". In: *A Câmara, a Escrita e a Coisa Dita... Fitas, Textos e Palestras*. Luanda: INALD, 1997, p.123,131. Para o nosso estudo, mais do que a definição de um espaço, importa uma zona histórica em contacto com os europeus e com a língua portuguesa desde o séc. XVI.

³ Cf. CADORNEGA, António de Oliveira. *História Geral das Guerras Angolanas*, T.I. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940, p. 114 - 116 (nota nº1 de José Matias Delgado).

⁴ JOLLES, Andre. O autor define : "Le catéchisme est, lui aussi, une conversation, un dialogue; mais le questionnaire connaît les reponses à l'avance." Ver: *Formes Simples*. Paris: Ed. du Seuil, 1972, p. 113.

⁵ Sacerdote espiritano que durante mais de quarenta anos estudou os povos do sul e sudoeste de Angola, tendo, sobre o assunto, publicado vasta bibliografia de onde destacamos a *Etnografia do Sudoeste de Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1956 (1º Vol.) e 1957 (2º Vol).

⁶ "Uma feição importante da apologia dos descobrimentos é a defesa e ilustração da língua portuguesa, que se prende com o lugar-comum muito recorrente desde a mencionada carta de Afonso V a Zurara: a de que os textos historiográficos e poéticos sobrevivem às outras glórias nacionais e lhes proporcionam os mais perduradouros monumentos", "Apologia e Crítica Contemporâneas da Expansão." In: LOPES, Óscar . *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Ed. Caminho, 1994, p. 34.

⁷ Cf. GOODY, Jack. *A Lógica da Escrita e Organização da Sociedade*. Lisboa: Ed. 70. 1987, p.60

- ⁸ Servem de exemplo a vida e o percurso do Pe. António de Teruel (Juan Alcaniz), nascido em 1604 e professor na ordem dos capuchinhos em 12-6-1621. Nomeado missionário para o Congo em 1645, foi depois e nesse mesmo ano destinado a vice refeito do Maranhão e no ano seguinte é nomeado de novo para o Congo. Viveu em várias províncias do reino do Kongo, depois em Luanda (Angola) e na Bahia (Brasil). Escreveu um vocabulário quadrilíngüe (italiano-latino-espanhol-kikongo), uma gramática kikongo, um livro de sermões em kikongo, um livro de orações em kikongo, um livro sobre as festas de Nossa Senhora em kikongo, um manual de direcção espiritual também em kikongo e uma *Descripción Narrativa de la Mission Serafica de los padres Capuchinos en el Reyno de Congo*. Cf. MONTECUCCOLO, Pe. António Cavazzi de. *Descrição Histórica dos Três Reinos Congo: Matamba e Angola*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, p.385.
- ⁹ Citado por ALENCASTRO, Luís Felipe. *O Trato dos Videntes, Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ¹⁰ É já quase pacífico admitir que a Literatura Angolana começa em 1845 com a fundação do *Boletim Oficial de Angola*.
- ¹¹ Cf. CHAVES, Rita. *A Formação do Romance Angolano. Entre Intenções e Gestos*. São Paulo: USP, 1999, p.135.
- ¹² V. MESTRE, David. *Lusografias Crioulas*. Évora: Ed. Pendor, 1997, p.15.
- ¹³ VIEIRA, Luandino, apresentando livro de Pepetela, *A Gloriosa Família, o Tempo dos Flamengos*, em Lisboa, nas instalações da R.D. P.- África, em 26 de novembro de 1997. De notar que os livros de António de Oliveira Cadornega sugerem uma primeira naturalização da linguagem. Dos seus informantes da tradição oral recolheu o historiador, que a si próprio se concedeu o título de “cidadão de São Paulo da Assumpção de Loanda”, palavras, ritmos, repetições, que manteve no seu texto, mais atento à criação do que propriamente ao rigor de certas datas. Cf. CADORNEGA, António de Oliveira. *História Geral das Guerras Angolanas*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972. 3 vols., manuscritos datados de 16-8-83.
- ¹⁴ CERDEIRA, Teresa Cristina. *O Averso do Bordado*. Lisboa: Caminho, 2000, p. 323.
- ¹⁵ A questão de saber se em *Luuanda*, o livro premiado e proibido de Luandino, a linguagem era a “linguagem genuína dos *musseques*” constituiu o tema principal da discussão apresentada pela Rádio Televisão Portuguesa em 1965. V. Transcrição da “Mesa-Redonda” em LABAN, Michel. *Angola: Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, s. d. II vol, p. 912-925.
- ¹⁶ BARROS, Manoel de. Entrevista a Martha Barros para o *Correio Brasiliense*. In: *Gramática Expositiva do Chão. Poesia Quase Toda*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1990, p. 312.
- ¹⁷ Deus e mar, numa boa parte das línguas bantu faladas em Angola.
- ¹⁸ Cf. SILVA, Victor Aguiar e. *Teoria da Literatura*. 8ª ed. Coimbra: Almedina, 1990, p. 406
- ¹⁹ VIEIRA, Luandino. *Nós, os do Makulusu*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1978, p. 70
- ²⁰ BARROS, Manoel de. *Ensaio Fotográficos*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000, p. 57.
- ²¹ Como nos oferece MUDIMBÉ, V. Y. , em *Parables & Fables, Exegesis, Textuality and Politics in Central Africa*. Winsconsin: The University of Winsconsin Press, 1991, p. xxi.
- ²² VIEIRA, Luandino. *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & Eu*. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 131.
- ²³ *Idem*, p.75.
- ²⁴ *Idem*, p.84. Sobre a relação entre velhice e literatura, v. SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Além da Idade da Razão. Longevidade e Saber na Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.
- ²⁵ VIEIRA, Luandino. *Idem*, p. 84.
- ²⁶ *Idem*, p.86, 87.

- ²⁷ Idem, p.103.
- ²⁸ Idem, p.109,110.
- ²⁹ BARROS, Manoel de. Entrevista a Martha Barros, *cit.* p. 312.
- ³⁰ LOURENÇO, Eduardo. *Jornal de Letras*. Lisboa, 07-12-1993. p, 4.
- ³¹ SENA, Jorge de. “Noções de Lingüística” (de *Exorcismos, Poesia III*). In:—*Quarenta poemas*. (Organização de Gilda Santos). Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1998. p, 60.
- ³² TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Buganvília*. Praia: Instituto Cultural Português, 1998, p. 13.
- ³³ Idem, *ibidem*, p. 13.
- ³⁴ PIÑON, Nélica. *A República dos Sonhos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1984, pp.269-270.
- ³⁵ Idem. *O Mito da Criação*. pp, 463-469.
- ³⁶ Idem, *ibidem*., p, 407.
- ³⁷ Idem, *ibidem*, pp, 412-413.
- ³⁸ TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Buganvília*, p. 14. ³⁹ BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1980. (Cf. obra toda).
- ⁴⁰ Cf. HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1984. (Cf. obra toda).
- ⁴¹ TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Buganvília*, p. 14.
- ⁴² Idem, *ibidem*. p, 14.
- ⁴³ CHAVES, Rita. Resenha de *O Lago da Lua*. *Revista Metamorfoses*. Número 1. Rio de Janeiro; Lisboa: Cátedra Jorge de Sena para Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros da UFRJ; Ed. Cosmos, 2000.
- ⁴⁴ PADILHA, Laura Cavalcante. “Paula Tavares e a Semeadura da Palavra”. In SEPÚLVEDA, M. C. e SALGADO, M.T. *África & Brasil: Letras em Laços*. Rio: Ed. Atlântica, 2000.
- ⁴⁵ TAVARES, Ana Paula. *O Lago da Lua*. Lisboa: Ed. Caminho, 1999.
- ⁴⁶ TAVARES, Ana Paula. *Ritos de Passagem*. Luanda: U.E.A, 1985.
- ⁴⁷ TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Buganvília*., p, 49.
- ⁴⁸ Idem, *ibidem*. p, 45.
- ⁴⁹ Idem, *ibidem*. p, 125.
- ⁵⁰ Empregamos o termo na acepção de BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio : Forense, 1981. p.108-109.
- ⁵¹ CARDOSO, Boaventura. *Maio, Mês de Maria*. Porto: Campo das Letras, 1997. (Cf. obra toda).
- ⁵² VIEIRA, Luandino. *João Vêncio: os seus Amores*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1987. p. 43.
- ⁵³ COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1994 e *Estórias Abensonhadas*. Lisboa: Caminho, 1994. (Cf. obras inteiras).
- ⁵⁴ CRAVEIRINHA, José. *Cela 1*. Lisboa: Edições 70, 1980. p. 85.
- ⁵⁵ LEMOS, Virgílio de. “Antropofagia Delirante”. In: *Negra Azul*. Maputo: Instituto Camões; Centro Cultural Português, 1999, p.49.
- ⁵⁶ VELOSO, Caetano. *Língua*, 1984.
- ⁵⁷ VIEIRA, Luandino. *João Vêncio: os seus Amores*, p. 43.
- ⁵⁸ PATRAQUIM, Luís Carlos. *Lidemburgo Blues*. Lisboa: Caminho, 1997. p.23.
- ⁵⁹ TAVARES, Ana Paula. *O Sangue da Buganvília*, p. 14.
- ⁶⁰ CARVALHO, Ruy Duarte. *Hábito da Terra*. Porto; Luanda: Edições Asa; União dos Escritores Angolanos, 1988. p. 10
- ⁶¹ VELOSO, Caetano. *Língua*, 1984.